

TÁTICAS DO AMOR

intrínseca



SARAH ADAMS

TÁTICAS DO AMOR

SARAH ADAMS

Tradução de Sofia Soter



Copyright © 2021 by Sarah Adams

Aviso de conteúdo sensível: ataques de pânico são retratados nas páginas deste livro.

Como alguém que sofre de ataques de ansiedade e pânico, a autora espera ter expressado o cuidado e a sensibilidade que o tema merece.

TÍTULO ORIGINAL
The Cheat Sheet

COPIDESQUE
Stéphanie Roque

PREPARAÇÃO
Thais Entriél

REVISÃO
Bruna Neves
Iuri Pavan

DIAGRAMAÇÃO
Inês Coimbra

DESIGN DE CAPA
Ash Vidal

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Sarah Adams

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
A176t

Adams, Sarah
Táticas do amor / Sarah Adams ; tradução Sofia Soter. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Intrínseca, 2023.

Tradução de: The cheat sheet
ISBN 978-65-5560-849-6

1. Romance americano. I. Soter, Sofia. II. Título.

22-81125

CDD: 813

CDU: 82-31(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206- 7400
www.intrinseca.com.br

*Para meu melhor amigo, Chris. Obrigada por sempre
exagerar nas piadas comigo e me dar tanto material
para meus livros. Além do mais, você é gatíssimo.*

E isso também é show.

BREE

Equilibrar dois copos de café fervendo e uma caixa de donuts e ainda tentar destrancar a porta não é fácil. Mas, como sou a melhor amiga do mundo — coisa que farei questão de enfatizar assim que conseguir entrar no apartamento do Nathan —, dou um jeito.

Reclamo quando, ao girar a chave, um pouco de café quente cai no meu braço pelo buraco na tampa do copo. Minha pele é bem clara, então a probabilidade de deixar uma marca bem vermelha é de um milhão por cento.

No momento em que entro no apartamento dele (que não deveria nem ser chamado de apartamento, porque tem o tamanho de cinco apartamentos enormes juntos), o perfume do Nathan me atinge que nem um ônibus desgovernado. Conheço o cheiro dele tão bem que acho que seria capaz de encontrá-lo só pelo olfato se ele desaparecesse.

Com o calcanhar do tênis, bato a porta com bastante força para avisar que cheguei.

QUARTERBACKS SARADOS, ATENÇÃO! CUBRAM-SE! UMA MULHER DE OLHOS ÁVIDOS ADENTROU O RECINTO!

Um grito agudo vem da cozinha, e eu franzo a testa na hora. Espiando do canto da parede, vejo uma mulher de pijaminha rosa-claro encolhida na ponta oposta da bancada comprida de mármore branco. Ela está agarrada a um cutelo. Tem uma bancada inteira entre nós, mas, pelos olhos arregalados, parece que encostei uma faca na jugular dela.

— NÃO SE APROXIME! — grita ela, esganiçada.

Reviro os olhos. *Por que* ela precisa ser assim, tão estridente? Parece até que prendeu o nariz com um pregador e inalou um balão inteiro de hélio.

Eu levantaria a mão para não ser esfaqueada, mas estou carregando o café da manhã — para mim e para Nathan, *não* para a Senhorita Esganiçada. Mas não é minha primeira vez enfrentando uma namorada do Nathan, então ajo como de costume e sorrio para Kelsey. É, eu sei o nome dela, porque, mesmo que ela finja não se lembrar de mim sempre que a gente se encontra, ela já está saindo com Nathan há uns meses, e nos vimos várias vezes. Não faço ideia de como ele aguenta essa mulher. Ela parece o oposto do tipo de pessoa que eu escolheria para ele — assim como todas as outras.

— Kelsey! Sou eu, Bree. Lembra?

Melhor amiga do Nathan desde a época da escola. A mulher que estava aqui antes de você e que vai continuar aqui muito depois. LEMBRA DE MIM?!

Ela suspira profundamente e relaxa os ombros, aliviada.

— Ai, nossa, Bree! Você quase me matou de susto. Achei que fosse uma *stalker* invadindo a casa.

Ela abaixa a faca, ergue uma das sobranceiras perfeitas e murmura, não tão baixo assim:

— Mas, no fim das contas... não estava tão errada assim.

Estreito os olhos, meu sorriso tenso.

— Nathan já acordou?

São seis e meia da manhã de terça-feira, então tenho certeza de que ele já está acordado. Toda namorada dele sabe que, para conseguir ver o Nathan, tem que acordar tão cedo quanto ele. É por isso que Kelsey está na cozinha de pijaminha de cetim com cara de raiva. Ninguém gosta da manhã tanto quanto Nathan. Bom, e eu, que também adoro. Mas a gente é meio esquisito.

Ela vira a cabeça devagar para mim, o ódio ardendo nos olhos azuis delicados.

— Já. Está tomando banho.

Antes de a gente sair para correr?

Kelsey olha para mim como se doesse ter que se explicar.

— Esbarrei nele sem querer quando entrei na cozinha agora há pouco. Ele estava com o shake de proteína na mão e...

Ela faz um gesto irritado, que conclui a história: *o shake caiu todo nele*. Acho que admitir que cometeu um simples erro é fatal para ela, então me sensibilizo e deixo a caixa de donuts na bancada ridiculamente grande.

A cozinha do Nathan é fantástica. É projetada em tons monocromáticos de creme, preto e bronze e tem uma parede toda de vidro com vista para o mar. É meu lugar preferido para cozinhar, o completo oposto da pequena espelunca que eu alugo a cinco quadras daqui. Mas é barato e fica perto do estúdio de balé, então nem posso reclamar.

— Não foi grave. Nathan nunca fica chateado com esse tipo de coisa — consolo Kelsey, balançando a bandeira branca uma última vez.

Ela pega uma espada samurai e retalha minha bandeira.

— Eu sei.

Então tá bom.

Tomo o primeiro gole de café para me aquecer do olhar gélido de Kelsey. Não tenho nada para fazer além de ficar esperando Nathan aparecer para a gente cumprir a nossa tradição matinal de terça. Começou no penúltimo ano da escola. Eu me isolava muito naquela época, não porque não gostava de gente e de socializar, mas porque vivia e respirava balé. Minha mãe me incentivava a matar aula de dança às vezes para ir a uma festa e sair com meus amigos. “Você não vai ser jovem e desimpedida para sempre. Balé não é tudo. Tem que aproveitar, viver a vida”, ela me disse mais de uma vez. É claro que, como a maioria das adolescentes, eu... não escutei.

Com todas as aulas de dança e o trabalho no restaurante depois da escola, eu não tinha amigos. Até que *ele* apareceu. Eu queria melhorar meu condicionamento físico, então comecei a correr na

pista da escola antes da aula, e só tinha tempo para isso na terça-feira. Um dia, quando cheguei, fiquei chocada ao ver que já tinha outro aluno correndo. E não era um aluno qualquer, mas o capitão do time de futebol americano. Sr. Gato Gostoso. (Nathan não passou pela fase desengonçada da adolescência. Aos dezesseis anos já parecia ter 25. Injusto demais.)

Diziam que atletas eram antipáticos. Machistas. Egocêntricos. *Nathan, não*. Ele me viu, de tênis surrado e com o cabelo cacheado preso no coque mais horroroso que já existiu, e parou de correr. Veio até mim, se apresentou com aquele sorriso enorme e perguntou se eu queria correr com ele. Passamos o tempo todo conversando, e viramos melhores amigos na hora, com tanta coisa em comum, apesar de termos tido criações tão diferentes.

É, deu para adivinhar: ele vem de uma família rica. O pai dele é CEO de uma empresa de tecnologia e nunca mostrou muito interesse em Nathan além de ficar exibindo o filho para os amigos do trabalho no campo de golfe, e a mãe basicamente só enchia o saco, pedindo para ele ficar famoso e dividir a popularidade com ela. Eles sempre tiveram dinheiro, mas o que não tinham, até Nathan fazer sucesso, era status. Caso não dê para notar, não sou muito fã dos pais dele.

Enfim, assim começou nossa tradição das terças. E o momento em que me apaixonei por Nathan? Sei identificar até o segundo exato.

A gente estava dando a última volta daquela nossa primeira corrida quando ele pegou minha mão, me puxou até pararmos e se ajoelhou na minha frente para amarrar meu tênis. Ele poderia ter apenas me avisado que estava desamarrado, mas não, Nathan não é assim. Não importa quem você seja, ou quão famoso ele tenha se tornado; se seu sapato estiver desamarrado, ele vai amarrar para você. Nunca conheci ninguém assim. Fiquei caidinha na mesma hora.

Nós dois estávamos muito determinados a alcançar o sucesso, mesmo ainda sendo tão jovens. Ele sempre soube que acabaria na

NFL, e eu sabia que meu destino era estudar na Juilliard e depois entrar numa companhia de dança. Um desses sonhos se tornou realidade, o outro, não. Infelizmente, a gente perdeu contato na faculdade (*tá*, fui eu que me afastei), mas por acaso me mudei para Los Angeles depois de me formar, porque a amiga de uma amiga estava procurando uma professora assistente no estúdio de balé dela, e foi bem na época em que Nathan foi contratado pelo LA Sharks e se mudou para cá também.

A gente se esbarrou num café, ele me convidou para correr na terça-feira, pelos velhos tempos, e pronto. Retomamos a amizade como se não tivesse se passado um dia sequer e, para minha tristeza, meu coração ainda doía por ele, como antigamente.

O engraçado é que ninguém esperava que Nathan chegasse ao nível que alcançou na carreira. Nathan Donelson começou sendo convocado na sétima rodada e basicamente esquentou o banco de reservas por dois anos, mas nunca desanimou. Ele se empenhou mais, treinou mais e garantiu estar pronto para quando tivesse uma chance em campo, porque é assim que ele se dedica a tudo: sempre se esforçando cem por cento.

Até que, um dia, todo o esforço deu resultado.

O *quarterback* titular, Daren, quebrou o fêmur durante uma partida e tiveram que chamar Nathan para substituí-lo. Se eu fechar os olhos, ainda vejo o momento. Uma maca carregando Daren para fora de campo. O técnico correndo até Nathan pela lateral. Nathan se levantando num pulo do banco de reservas, ouvindo as instruções do cara. E aí... logo antes de colocar o capacete e entrar em campo para o jogo que ficaria marcado na história como o início de sua carreira, ele me procurou na arquibancada (na época não tinha a opção do camarote). Eu me levantei, fizemos contato visual, e ele parecia prestes a vomitar. Fiz a única coisa que sabia que ajudaria ele a relaxar: uma careta engraçada, com a língua para fora.

Ele abriu aquele sorriso enorme e liderou o time no que foi a melhor partida da temporada. Nathan passou o resto do ano como

quarterback titular, levando os Sharks ao Super Bowl, que eles venceram. Esses meses foram uma loucura para ele. Na verdade, para nós dois, porque foi o ano em que passei de professora de dança a *dona* do estúdio.

Hoje vim correr com ele e, como o jogo de ontem não foi tão bom, já sei que vamos acabar correndo com mais afinco. O time chegou a ganhar (e se classificou oficialmente para as eliminatórias, VIVA!), mas Nathan errou duas intercepções e, sendo perfeccionista do jeito que é, tenho certeza de que vai aparecer aqui batendo os pés que nem um urso com o pote de mel vazio.

A voz estridente de Kelsey me arranca da nostalgia.

— Então, não me leva a mal... mas o que você está fazendo aqui?

Por “Não me leva a mal” ela quer dizer “Pode me levar a mal, sim, porque minha intenção é falar do jeito mais babaca possível”. Eu queria que ela agisse assim na frente do Nathan. Quando ele está por perto, ela é um docinho de coco.

Eu me recuso a deixar essa menina roubar minha alegria tão cedo, então abro um baita sorriso.

— O que parece que estou fazendo aqui?

— Parece que é uma fã obsessiva doida, secretamente apaixonada pelo meu namorado, invadindo o apartamento dele para trazer café da manhã.

Veja bem, o problema é o seguinte: ela fala “meu namorado” como se as palavras fossem um trunfo secreto. Como se, ao jogar essa carta na mesa, eu fosse ficar chocada. *Minha nossa! Ela ganhou!*

Mal sabe ela que esse trunfo é tipo um cinco de paus solto. Namoradas vêm e vão na vida de Nathan, que nem as dietas da moda. Eu, por outro lado, estou aqui há *muito* mais tempo que essa cínica da Kelsey, e vou continuar por muito mais, porque sou a melhor amiga dele. Sou eu que passo por tudo com ele, e é ele quem passa por tudo comigo: a fase desengonçada da adolescência (minha, não dele), a contratação no time da faculdade, o acidente de carro que mudou minha vida, todas as dores de barriga dos últimos seis

anos, o dia em que virei dona do estúdio e a chuva de confetes na vitória do Super Bowl.

Ainda MAIS importante, sou a única pessoa no mundo que sabe de onde veio a cicatriz de cinco centímetros que ele tem logo abaixo do umbigo. Vou dar uma dica: é constrangedor e tem a ver com um kit de depilação caseira. Mais uma dica: foi um desafio meu.

— Isso! — Falo, com um sorriso exagerado. — É isso mesmo. Fã obsessiva secretamente apaixonada pelo Nathan. Sou eu.

Ela arregala os olhos, porque achou que ia mesmo conseguir me irritar falando uma coisa dessas. *A verdade não dói, Kels!* Quer dizer, tirando a parte do “obsessiva”.

Dou as costas para Kelsey e espero Nathan. Houve um tempo em que eu tentava fazer amizade com as namoradas dele. Hoje, não. Nenhuma delas gosta de mim. Por mais que eu tente conquistá-las, elas são predispostas a me odiar. E eu entendo, juro. Elas me veem como uma ameaça tremenda. E é aí que a coisa fica triste.

Eu não sou ameaça nenhuma.

Elas todas têm Nathan de um jeito que nunca vou ter.

— Olha — comenta ela, tentando chamar minha atenção de novo —, é melhor você se poupar da vergonha e ir embora logo. Porque, quando o Nathan aparecer, eu vou pedir para ele mandar você embora. Até agora fui paciente, mas você é esquisita demais. Fica grudada nele que nem um pedaço de papel higiênico preso no sapato.

Tento não parecer condescendente demais quando faço um beicinho exagerado de pena e concordo com a cabeça. Porque faltou complementar uma coisinha: eu não sou uma ameaça para essas mulheres... até elas forçarem Nathan a escolher. Aí, sou mais ameaçadora que uma bomba de glitter. Posso até não dormir na mesma cama que Nathan, mas tenho a lealdade dele — e, para ele, não tem nada mais importante que isso.

Kelsey bufa e cruza os braços. Estamos envolvidas numa batalha intensa de caras feias quando a voz de Nathan ecoa do cômodo atrás de mim.

— Hmmmmm, isso é cheiro de café e donuts? A Queijo Bree deve ter chegado...

Abro um sorriso nada sutil para Kelsey. O sorriso da *vitória*.

BREE

Nathan entra na sala sem camisa, só com uma bermuda preta de academia. O peito esculpido e bronzeado, que só poderia ser de um atleta profissional, está todo à mostra, e aquela entradinha em V do abdômen parece estar me provocando, querendo me fazer corar. O cabelo dele está todo molhado e reluzente, e os ombros ficaram um pouco avermelhados por causa da água quente do chuveiro. É o *look pós-banho* dele e, por mais que eu já o tenha visto assim inúmeras vezes, ainda perco o fôlego.

Ele está com uma toalhinha na mão, que esfrega pelo cabelo castanho-chocolate. Essa toalha sortuda deve estar gargalhando de prazer. O cabelo dele é tão ondulado e macio que ele até conseguiu um patrocínio de cinco milhões de dólares de uma marca de produtos de luxo para cabelo masculino. Quando o primeiro anúncio foi ao ar — Nathan saindo do chuveiro do vestiário com a toalha enrolada na cintura, gotículas de água salpicadas nos músculos e aquele frasco de xampu na mão —, mulheres de todo o país correram para o mercado para comprar, na esperança de magicamente transformar seus namorados em Nathan. No mínimo, queriam que eles tivessem o *cheiro* dele. Mas eis outro segredo que só eu sei: o cheiro do cabelo de Nathan não é desse xampu, porque ele prefere uma marca genérica barata que vem num frasco verde e que ele usa desde os dezoito anos.

— Achei que você estivesse precisando — digo, entregando a ele o copo quente com café da nossa lojinha preferida, que fica a poucas quadras daqui. Em seguida, abro a caixa com os

donuts como se fosse um baú do tesouro. Eles brilham na luz.
Bling!

Nathan suspira e inclina a cabeça de lado, com um sorriso fofo de canto de boca depois de jogar a toalhinha na bancada.

— Achei que fosse minha vez de comprar.

Ele pega um donut coberto de calda de caramelo e se abaixa para me dar um beijinho rápido na bochecha, como sempre faz. Completamente platônico. Um beijo de *irmão*.

— É, mas acabei acordando supercedo com câimbra na panturrilha e não consegui voltar a dormir, então achei melhor comprar de uma vez.

Espero que ele acredite na mentira.

Na verdade, não consegui dormir porque ontem terminei com meu namorado, e estou morta de medo de contar para o Nathan. Por quê? Porque ele vai me encher de perguntas até descobrir a razão. E ele não pode saber que terminei com o Martin porque o Martin não é o Nathan.

Talvez, se eu apertasse os olhos, tampasse os ouvidos e chacoalhasse a cabeça de um lado para o outro, eu conseguisse me enganar e acreditar que era ele. Mas quem quer viver assim? Não seria justo comigo nem com o Martin. Então, agora, o objetivo é encontrar um homem que me atraia mais do que o Nathan. Vou precisar de uma verdadeira armadilha em forma de homem. E dessa vez não aceitarei nada além do *arrebatamento* total e completo.

Nathan levanta uma sobrancelha.

— Devia ter comido uma banana ontem antes de dormir.

Reviro os olhos.

— É, eu sei, mas a resposta continua a mesma: eu odeio banana. É molenga e tem gosto de... banana.

— E daí? Obviamente seu nível de potássio...

Kelsey pigarreia, e só então notamos sua cara feia.

— Licença. Não é estranho ela vir assim, às seis e meia da manhã, com café e tal, sendo que sua *namorada* está aqui?

De novo essa palavra... E, tá, ok, talvez eu devesse ter imaginado que Kelsey estaria aqui hoje e esperado Nathan ir me buscar em casa com o café e os donuts. Foi engano meu. Às vezes esqueço que ele e eu não temos uma amizade tão normal.

Nathan pigarreia de leve.

— Desculpa, Kelsey, achei que você lembrasse que terça é o dia em que eu corro com a Bree.

— Claaaaro — diz ela, revirando os olhos. — Como eu ia esquecer, se acontece TODA TERÇA-FEIRA? Literalmente sua única manhã de folga durante o campeonato.

Parece uma conversa particular, da qual eu não deveria fazer parte. Na verdade, eu até concordo com ela. É estranho Nathan e eu sermos tão íntimos. Já tentei me afastar várias vezes para ele passar mais tempo com a namorada, mas ele nunca permite. E, se eu fosse a namorada dele, teria bastante ciúme do seu tempo livre.

Terça é o dia de folga de quase todos os times da NFL. Mas o segredo, que nem todos os jogadores sabem, é o seguinte: os melhores treinam também nas folgas. Eles usam o tempo para se concentrar nas fraquezas, fazer fisioterapia, rever jogos antigos — qualquer coisa que os ajude a se destacar. Nathan nunca descansa na terça, *mas* começa a treinar um pouco mais tarde para a gente correr de manhã.

— Você não pode, tipo, tirar *um* dia de folga?

Kelsey pronuncia cada a palavra com um tom exagerado, e não sei como ele aguenta a voz dela.

Nathan franze a testa e cruza os braços. Quero sair da sala de fininho, porque já sei o que vai acontecer.

— Na real, não posso, não. Preciso correr para esquecer que joguei mal ontem.

Kelsey fica boquiaberta.

— Como assim jogou mal? Amor, você ganhou! Do que está falando?

— Das duas interceptações — respondemos eu e Nathan, juntos.

Eita. Kelsey não gostou nada disso. Ela estreita os olhos até virarem risquinhos apavorantes.

— Que gracinha! Viu só? Isso não é uma amizade normal. E quer saber? Cansei de competir com essa história aí. É hora de você...

Não fale, Kelsey!

— ... escolher. Sou eu ou ela.

Ela pisca várias vezes, e eu me viro para dar a privacidade de que Kelsey precisa neste momento de luto. *Caros amigos e familiares, nos reunimos aqui hoje para homenagear o relacionamento minúsculo e insignificante de Nathan e Kelsey.*

— Kelsey... eu avisei desde o início que não queria nada mais sério agora, e você disse que tudo bem...

Nathan para.

Ai, odeio que ele tenha que fazer isso, de verdade. Nathan detesta ter que terminar, ele é um urso de pelúcia gigantesco e fortão. Queria poder fazer isso por ele, mas tenho a sensação de que levaria uma panelada na cara.

Kelsey solta um gritinho.

— Você está me zoando?! Vai escolher *ela* em vez de *mim*?

Tá, não gostei muito desse tom.

— Vou — responde ele, simplesmente.

A cabeça dela parece explodir em chamas.

— Então não venha me dizer que não está transando com ela!

— Não está, pode acreditar — digo. — Juro — acrescento, com medo de ter soado um pouco amarga. — A gente é só amigo. Seríamos horríveis juntos. Nosso amor é mais de irmão.

Eca, que gosto horrível na boca.

Ele abaixa a cabeça para me olhar e, depois de um segundo, sorri.

— É. A gente nunca... — ele deixa a frase no ar, e o vejo engolir em seco, porque acha difícil até imaginar a gente desse jeito — teve nada.

Nunca. Nenhuma vez. Nada. Nadica. Zero. Um beijo na bochecha é o máximo que já ganhei dele, e é por isso que sei que

Nathan não tem nenhum interesse em mim. Um homem apaixonado por uma mulher não passaria seis anos tão comportado quando vê um filme com ela. E nós dois sempre fomos bem-comportados.

Por isso, agora me esforço o máximo possível para provar para ele que estou MEGA DE BOA com esse negócio de amizade. Porque, na real, estou mesmo. Eu adoraria me casar com ele e ter filhos grandes e sarados? Sim. Imediatamente. Mas não vai rolar, e me recuso a estragar nossa amizade criando um climão por ser a fim dele, sendo que ele já abriu no celular o número da próxima modelo com quem planeja ficar.

O maior problema é que sei que, se eu dissesse o que sinto, ele me daria uma chance, porque me ama mesmo como amiga. Talvez até me namorasse por umas poucas semanas, e aí me trocaria por alguém com quem realmente tenha química, e eu ficaria sem meu posto de melhor amiga. Não vale a pena.

É... já tá bom desse jeito.

Um dia vou encontrar alguém tão incrível quanto Nathan.

(Provavelmente não.)

—Tá. Beleza, então... divirtam-se nessa amizade bizarra de vocês. Porque estou indo embora.

Kelsey para um segundo, não ouço mais passos. Acho que ela está esperando que ele a impeça. É uma vergonha para todo mundo.

— Estou mesmo — continua. — Vou sair por aquela porta e não volto mais, Nathan.

Nãããã, não vá!, penso, sem sinceridade nenhuma.

Finalmente Kelsey sai, batendo os pés. Nathan vai com ela até a porta, lembrando que ela ainda está de pijama e perguntando se não quer trocar de roupa antes. Ela manda ele entregar as coisas dela em casa, porque não aguenta olhá-lo por mais um segundo sequer. Que drama.

Ouçõ a porta bater e dou um chute no ar. *Já vai tarde!*

Também pego o celular e mando mensagem para minha irmã mais velha.

Eu: Mais uma se foi. Kelsey vazou!

Lily: Ela durou mais do que eu esperava.

Eu: Ou seja, tempo demais.

Lily: Que maléfica! Talvez ele esteja triste.

Eu: Eu?! Mas sou sempre um amorzinho!

Lily: Aposto que você tá com um sorriso bizarro na cara.

Quando Nathan finalmente volta à cozinha, mudo minha expressão para uma tristeza solidária, provando a Lily que ela está errada.

— Sinto muito, amigo.

— Até parece! — diz ele, rindo, e encosta o quadril na bancada.

Eu queria mesmo que ele andasse com mais roupa. Olhar para uma coisa tão linda sem poder tocar chega a doer. A pele de Nathan é que nem a areia quente e dourada de uma ilha paradisíaca, cobrindo uma silhueta musculosa que me deixa sedenta na hora. O corpo escultural foi o motivo de ele ter sido declarado o Homem Mais Sexy do Mundo e ter aparecido na capa da edição especial de Boa Forma da *Pro Sports*, em que destacam e comemoram os diferentes corpos de atletas profissionais e falam do que eles precisam fazer para se manter em forma. As fotos são elegantes, ele com mãos e coxas posicionadas estrategicamente para esconder as partes mais importantes. Mas, é, Nathan ficou completamente pelado para as tirar as fotos. E, apesar de eu ter comprado cinco exemplares da revista, nunca tive coragem de abrir (a capa só mostra da cintura para cima). Há alguns limites que não podemos ultrapassar na amizade. Um deles é a nudez.

Pego um donut e enfio na boca para conter o sorriso.

— Não! Estou sendo sincera. Kelsey parecia... legal.

— Você mostrou a língua para ela ontem no camarote.

— Nossa! Os Vingadores sabem dessa sua visão superpoderosa, por acaso?

Ele sorri e puxa meu rabo de cavalo bagunçado.

— A Kelsey era escrota com você quando eu não estava por perto? Fala a verdade.

Nathan tem olhos pretos. Não é marrom, nem cor de chocolate. É preto puro. E, quando os concentra em mim assim, parece que vou sufocar. Que não conseguiria escapar dele nem se tentasse.

Dou de ombros e tomo um gole de café.

— Ela não era ótima, mas nada grave.

— O que ela fazia?

— Não importa.

Ele se aproxima um pouco.

— *Bree*.

— *Nathan*. Viu, também sei usar esse tom.

Ele fica quieto... pensativo, a pouco mais de dez centímetros de mim.

— Desculpa por ela ter feito você se sentir mal. Não sabia como a Kelsey era com você... Se soubesse, teria terminado muito antes.

Um canto do meu peito dói. Se ele dá tanta importância para mim, por que não fica comigo? *Não. Na-na-ni-na-não. Nada disso*. Eu me recuso a ser assim. Somos amigos, e fico feliz. Sou grata por isso. Talvez um dia a vida me dê um homem que me ama tanto quanto eu amo o Nathan. Por enquanto, estou tranquila.

— Bom, eu também não ajudei muito. Provavelmente não deveria ter chegado tão cedo e entrado sem avisar — falo, mordendo um pedaço do donut de chocolate. — Preciso estabelecer limites.

— Provavelmente — diz ele, com a voz séria.

Quando olho para ele, no entanto, Nathan está sorrindo — um sorriso enorme, com covinha e tudo.

Empurro o braço dele de brincadeira.

— Ei! Se é assim, talvez eu deva pegar de volta a chave do meu apartamento. Estabelecer esse limite também — digo.

Ele come o último pedaço da rosquinha, ainda sorrindo.

— Boa sorte. Não vou devolver nunca.

Ele passa por mim, o braço roçando no meu, e me pergunto se eu ultrapassaria os limites se grudasse no corpo dele que nem um carrapato.

Acho que preciso mais dessa corrida do que ele, por motivos completamente diferentes.

NATHAN

Suados e exaustos, eu e Bree nos jogamos no chão na frente do meu sofá branco. À minha esquerda estão as janelas do chão ao teto com a vista para o mar que me custaram três milhões de dólares, mas à minha direita está a vista que eu pagaria com a alma para admirar todos os dias pelo resto da vida. Mas Bree não sabe que é isso que eu sinto por ela.

Esbarro o dorso da mão no joelho dela, bem ao lado da cicatriz irregular que mudou a sua vida por completo.

— Vai fazer o que mais tarde? Quer almoçar comigo no CalFi?

O CalFi é o nosso estádio. Lá tem um centro de treinamento novinho em folha onde a gente malha durante a semana, e o refeitório é comandado por alguns dos melhores chefs do mundo. E eu, caso você esteja se perguntando, sou tipo um cachorrinho carente, implorando para Bree brincar comigo — e brincar comigo sempre.

Ela vira a cabeça de lado, me encarando com seus olhos castanhos e gentis. Bree tem um cabelão comprido, volumoso, cheio de cachos castanho-mel, e uma boca linda, com covinhas dos dois lados, do tamanho dos meus polegares. O sorriso dela é digno de Julia Roberts, tão único e estonteante que não dá para comparar com nenhum outro. Com a cabeça recostada no sofá, nossa testa quase se encosta. Quero chegar mais perto, só mais um centímetro. *Ou dois*. Quero sentir os lábios dela.

— Não vai dar. Tenho aula de movimento criativo para bebês às onze.

Franzo a testa.

— Você nunca dá aula terça de manhã.

Ela dá de ombros.

— Pois é, tive que incluir mais uma turma, duas vezes por semana, para conseguir pagar o aluguel do estúdio. No mês passado o proprietário me avisou que aumentaram umas taxas, aí o aluguel vai subir uns duzentos dólares.

Bree tenta se levantar, mas puxo ela de volta pela alça da regata. Foi um movimento quase sedutor, e noto na hora que foi má ideia, porque ela arregala os olhos. Para disfarçar, continuo a conversa.

— Você já está dando aulas demais.

Só tem uma professora trabalhando no estúdio com a Bree, dando aulas de sapateado e jazz, ela precisa contratar mais gente para ajudar. O estúdio é praticamente uma ONG, mas só se não contar as despesas, porque o aluguel de um espaço desses em Los Angeles é um absurdo de caro. Não é justo, porque tem muita gente sem grana aqui, que fica totalmente negligenciada por falta de recurso. A vontade de Bree sempre foi oferecer um lugar para crianças que não têm outra oportunidade de fazer aulas de dança, então ela faz tudo por um preço camarada.

O problema é que a mensalidade é baixa demais para esse modelo de negócio. Bree sabe disso, mas fica sem saída, e eu odeio o fato de que a solução dela para esse problema seja pegar mais aulas e se doar ainda mais para cobrir o déficit, em vez de aceitar meu dinheiro.

— Dou a quantidade normal de aulas para uma professora de dança — responde ela, num tom seco de advertência.

Só que esse tom dela é tão ameaçador quanto o de um coelho de desenho animado. Os olhos dela são grandes e brilhantes, o que só me faz amá-la ainda mais.

Falo de um jeito mais suave, me preparando para um assunto que sei ser sensível.

— Sei que você dá conta e que você é boa em tudo o que faz, mas, como seu amigo, odeio que você tenha que trabalhar tanto,

ainda mais sentindo dor no joelho. E, sim, eu tô ligado que você está com dor, porque vi você forçar mais a perna direita hoje para correr — digo e, por reflexo, levanto as mãos. — Não me belisca, por favor. Só quero que você se cuide enquanto cuida de todo mundo.

Ela desvia o olhar.

— Eu estou ótima.

— Está mesmo? E você me diria se não estivesse?

Ela estreita os olhos.

— Você está exagerando, *Nathan*.

Ela pronuncia meu nome como se quisesse me machucar, mas só me faz sorrir. Bree é uma das pessoas mais fortes que conheço, mas, ao mesmo tempo, de algum modo também é a mais delicada. Ela nunca se irrita de verdade comigo, nem com ninguém.

— Meu joelho não vai cair, e eu consigo aguentar um pouquinho de dor. Você sabe que não controlo o aluguel, então, se eu quiser manter a mensalidade acessível para as crianças, tenho que abrir mais uma turma até arranjar outra solução. Ponto final. E... AH! — Exclama, esticando um dedo até minha boca para me calar quando vê que estou prestes a retrucar. — Não vou aceitar seu dinheiro. Já falamos disso mil vezes, preciso cuidar dessa situação sozinha.

Fico totalmente frustrado. O único consolo para perder essa discussão é o fato de que a pele dela está pressionada à minha boca agora. Vou ficar em silêncio para sempre se ela prometer nunca mais se mexer. Com o dedo dela apertando meus lábios assim, não tenho que me sentir culpado por secretamente pagar parte do aluguel do estúdio dela há anos. (Não é verdade — ainda me sinto culpado por fazer isso escondido.)

O proprietário já tinha aumentado o aluguel uma vez, logo que Bree assumiu o estúdio, substituindo a dona anterior. Ela chorou no meu sofá naquela noite porque não ia mais conseguir pagar (tipo o que está rolando agora) e achava que ia precisar encontrar um lugar mais barato no subúrbio, o que iria totalmente contra o propósito dela de oferecer aulas para as crianças do centro.

Digamos que o proprietário num passe de mágica mudou de ideia e, no dia seguinte, ligou para ela explicando que tinha dado um jeito na situação e que não ia mais aumentar o aluguel. Digamos também que, se Bree um dia descobrir que todo mês pago algumas centenas de dólares desse aluguel, ela com certeza vai me capar. Eu provavelmente não deveria ter feito isso, mas não ia aguentar ver o sonho dela escoar pelo ralo assim. De novo, não.

Bree foi aceita na faculdade de dança logo antes de a gente se formar na escola, e até hoje nunca vi uma pessoa mais empolgada do que ela naquele momento. Fui o primeiro a saber da notícia. Eu peguei ela no colo e girei, nós dois gargalhando, mesmo que, por dentro, eu estivesse com medo do que fosse acontecer com nossa amizade, já que nossos caminhos seriam diferentes. Ela iria para Nova York, e eu tinha uma bolsa de estudos para jogar futebol americano na Universidade do Texas. Mas eu não planejava ir embora sem contar para Bree o que sentia por ela e pedi-la em namoro. Até então, a gente era só amigo, mas eu estava pronto para dar um passo adiante.

Até que aconteceu.

Um dia, um cara avançou o sinal vermelho e bateu com tudo no carro dela depois da aula. O acidente não matou Bree, mas matou o futuro dela como bailarina profissional. O joelho dela ficou destruído. Nunca vou me esquecer do que ela falou no telefone quando me ligou do hospital, aos prantos: “Acabou tudo para mim, Nathan. Não vou conseguir superar essa.”

A cirurgia reconstrutiva foi complicada, mas as sessões de fisioterapia que ela teve que fazer foram a pior parte. A energia dela tinha ido embora, e eu não podia fazer nada. Não queria deixar ela para trás quando as aulas começassem — não fazia sentido seguir com meus sonhos enquanto ela tinha perdido os dela e ficaria presa em casa. Mais do que isso, eu queria estar com ela. Jogar não era tão importante para mim quanto ela.

Então Bree se afastou. Ou, para ser mais exato, me deu um gelo. Ela não me deu opção além de ir para o Texas, como o pla-

nejado — e, quando cheguei lá, ela parou de me atender e responder às minhas mensagens. Foi como o pior dos términos, mesmo que a gente nunca tivesse namorado. Foram quatro anos sem nenhum contato e, até hoje, não consigo entender por que ela fez isso. Agora ela está ótima, e por isso mesmo não falamos do passado. Tenho muito medo de ouvir a explicação do que a levou a sumir daquele jeito.

Quando me formei, assinei contrato com o Sharks e vim para Los Angeles, e Bree já estava aqui. Acho que foi o destino — cafona, antiquado e inquestionável — que reaproximou a gente. Entrei num café, o sino tilintou na porta, e ela, que estava lendo um livro, levantou o rosto e encontrou meu olhar do outro lado do salão. Foi um desfibrilador no meu peito. *Bum*. Meu coração desde então não bate do mesmo jeito.

Naquele dia, reencontrei minha amiga. A amiga que eu conheci antes do acidente, cheia de vida e energia, e ainda melhor. Ela estava mais saudável, com curvas incríveis, macias e femininas que não existiam antes, e o joelho tinha melhorado o suficiente para ela trabalhar no estúdio de dança. Infelizmente, ela tinha um namorado na época. Nem lembro o nome dele, mas foi o motivo para eu não chamá-la para sair na mesma hora.

Retomamos a tradição de terça-feira, e desde então ando rolando no vasto buraco infernal da amizade-nada-colorida. Tenho medo de morrer aqui, porque ela me lembra o tempo todo de que não está interessada em romance. Quase todo dia ela diz alguma coisa horrível, tipo:

“Só amigos.”

“Praticamente meu irmão.”

“Incompatível.”

“Meu *brother*.”

Enfim, foi isso. Não aguentei ficar quieto enquanto ela estava perdendo algo tão importante, já que, dessa vez, eu tinha como consertar a situação com facilidade. Por isso pago o aluguel dela escondido, e ela vai ficar furiosa se descobrir.

Tenho que me lembrar de entrar em contato com o Senhor Proprietário mais tarde. Bree afasta o dedo da minha boca.

— Sério, não se preocupa! Vou dar um jeito, como sempre. Por enquanto é só tomar ibuprofeno e botar gelo no joelho entre as aulas. Está tudo bem. Juro.

Como sou só amigo dela, não tenho escolha a não ser aceitar.

— Tá, vou deixar pra lá. Não vou mais oferecer dinheiro.

Ela levanta o queixo bonitinho num gesto de orgulho.

— Obrigada.

— Ei, Bree?

— Hum? — pergunta, desconfiada.

— Quer vir morar comigo?

Ela bufa e joga a cabeça para trás na almofada do sofá.

— Nathaaaaannnn. Esquece isso!

— Sério, pensa só. A gente odeia seu apartamento...

— *Você* odeia meu apartamento.

— Porque não é adequado para um ser humano viver ali! Tenho mil por cento de certeza de que está cheio de mofo, as escadas vivem grudentas, e ninguém sabe o motivo, e ainda tem aquele CHEIRO! Que porcaria é aquela?

Ela fecha a cara, sabendo exatamente do que estou falando.

— Desconfiam de que um gambá se enfiou entre as paredes e morreu lá, mas não dá para ter certeza. Ou... — hesita, desviando o olhar. — ... talvez seja um apessoa morta.

Ela murmura a última parte, e considero seriamente fazer dela minha refém e obrigá-la a morar no meu apartamento limpo e sem mofo.

— Melhor ainda, se você morasse aqui, não precisaria pagar aluguel, e aí não teria que trabalhar tanto no estúdio.

É uma lacuna na regra, um jeito que ela teria de cortar despesas sem aceitar um centavo meu.

Bree sustenta meu olhar por tanto tempo que acho que está cogitando a ideia.

— Não.

Ela é uma agulha, e eu sou um balão cheio.

— Mas por quê? Você praticamente já mora aqui. Tem até um quarto.

Ela levanta um dedo para me corrigir.

— De hóspedes! É o *quarto de hóspedes*.

É o quarto dela. Ela me obriga a chamar de quarto de hóspedes, mas deixa roupas lá, colocou umas almofadinhas coloridas na decoração, guarda um monte de maquiagem nas gavetas. Ela dorme aqui pelo menos uma vez por semana, depois de a gente ver um filme que acaba tarde e ela ficar sem vontade de voltar andando para casa. É, ainda tem isso: o apartamento dela é só a umas cinco quadras daqui, na mesma rua (é, cinco quadras fazem uma diferença enorme numa cidade como Los Angeles), então praticamente já somos colegas de apartamento, só que estamos separados por centenas de outros colegas. *Questão de lógica*.

— Não, eu estou falando sério... para com isso — diz, em um tom que indica que estou perto de ser o melhor-amigo-babaca-insistente e preciso me controlar.

Há quem pense que meu emprego é ser atleta profissional. Nada disso. É me forçar a me comportar nessa área cinzenta com Bree, por dentro louco por ela e por fora um mero amigo platônico. É uma forma cruel de tortura. É tipo olhar para o sol sem piscar, mesmo que arda horrores.

Ah, por acaso já comentei que, sem querer, vi a Bree pelada umas semanas atrás? É, não ajudou em nada. Ela não sabe, e não tenho a menor intenção de contar, porque ela ficaria toda envergonhada e passaria uma semana inteira me evitando. Nós temos as chaves do apartamento um do outro, então sempre entro sem tocar a campainha, mas naquele dia eu esqueci de avisar que estava indo. Ela saiu do banheiro totalmente nua e voltou sem nem notar que eu estava no corredor, com o queixo no chão. Dei meia-volta e fui embora na hora, mas aquela imagem ficou marcada a ferro... não, alguma coisa mais poética que isso... está gravada, registrada, imortalizada na minha memória para sempre.

— Me dá um motivo razoável para não querer morar aqui, e eu deixo o assunto pra lá de vez. Palavra de escoteiro — digo, levantando a mão direita.

Bree olha para minha mão, tenta não sorrir e abaixa meu polegar e meu mindinho.

— Você não é escoteiro, então sua palavra não vale nada, mas não posso morar aqui porque seria esquisito demais. Pronto, é essa a resposta. Agora você tem que esquecer esse assunto.

Bree se levanta num pulo, e dessa vez eu a deixo ir. O rabo de cavalo cacheado vai balançando, fios soltos grudados no suor do pescoço, enquanto ela vai para a cozinha.

Vou atrás. Não estou pronto para mudar de assunto, porque acho que finalmente encontrei o real motivo.

— Mas seria esquisito para quem? Para você, ou para o *Martin*? Ele sabe que não tem com o que se preocupar.

Não gosto nem um pouco do namorado dela. Ele não merece a Bree. Tá legal, eu também não a mereço, mas a questão não é essa. Que tipo de babaca fica tranquilo com a namorada morando num prédio todo cagado e não oferece a própria casa para ela?

Bree desvia o olhar, torcendo a boca para o lado. Está dividida, e levanto as sobrancelhas para encorajá-la a falar.

— Bree?

Ela me dá as costas, enfiando a mão cheia de pulseiras coloridas na bolsa gigante dela.

— Falei que trouxe um presente para você? Vai te animar depois do término com a Estridentsey... quer dizer, a Kelsey.

Ela ri baixinho da própria piada, mas eu nem sequer sorrio. Não dou a mínima para a Kelsey. Estou mais preocupado com essa tentativa dela de mudar de assunto.

Ela mexe sem parar na bolsa, e já sei o que vem. Bree é obcecada por cacarecos. Se ela encontra alguma coisa que lembra um amigo ou parente, sempre compra e enfia naquela bolsa gigante de Mary Poppins dela para dar de presente depois. Tenho duas prateleiras cheias de trecos que ela me deu ao longo dos anos. Lily, a

irmã dela, tem três prateleiras. Uma vez, a gente apostou para ver quem tem mais “Breebelôs”, como chamamos os presentes, e eu perdi. Lily ganhou por sete pontos.

Por fim, ela encontra o que estava procurando e tira da bolsa uma bola oito mágica em miniatura. As unhas em arco-íris soltam a bola delicadamente na minha mão, e ela fala, em voz baixa:

— Número oito. Sabe, porque é o seu número no time.

Vou guardar com minha carta de baralho de número oito, meu copinho de shot de número oito e minha vela de aniversário de oito anos.

— E eu e o Martin terminamos — acrescenta.

Perai, como é que é?

O mundo para de girar. Até os grilos se calam. Cada ser em todo canto do planeta se vira para nos olhar. Já eu tenho que me esforçar muito para ficar neutro. Sei que minha reação agora é crucial se quiser manter o status quo da nossa amizade. *Não estraga as coisas, Nathan.*

— Quando?

— Ontem. A gente terminou depois do jogo — ela responde, rápida. — Bom, na real, eu terminei com ele depois do jogo. Mas ele levou na boa. Foi quase mútuo.

Não acredito.

— Por que não me contou antes?

Ela dá de ombros, concentrada em subir e descer as pulseiras pelo braço, uma a uma.

— Só não pensei nisso.

— Mentira. Ninguém esquece que terminou com alguém que namorava fazia seis meses.

Ela range os dentes e revira os olhos.

— Tá! Eu não queria falar, tá bom? Não é nada de mais. Martin e eu mal nos víamos, e... ele era chato. A gente era chato juntos. Sem química. Eu não aguentava mais.

Bree fala tudo isso com total tranquilidade, e eu tenho que me lembrar de continuar respirando — devagar, inspirando e expi-

rando, tipo um ser humano normal, e não como se estivesse em curto-circuito.

Porque é a primeira vez que estamos os dois solteiros ao mesmo tempo em seis anos. De algum jeito, nossos namoros se encaixaram num ciclo quase engraçado.

E agora... estamos solteiros.

Ao mesmo tempo.

E eu a vi pelada. (Isso não tem nada a ver com o assunto, só me volta à cabeça de vez em quando.)

Se eu me aproximasse e a beijasse, será que ela deixaria? Será que recuaria? Ou será que derreteria grudada em mim, e seria o fim da nossa amizade? São essas as perguntas que me fazem passar a noite em claro.

Mas não descubro as respostas, porque Bree de repente pega a bolsa do balcão e a pendura no ombro.

— Bom, ok, agora você sabe. Então, a gente se vê... uma hora dessas — diz, se afastando com o rosto curiosamente corado.

Eu a acompanho até a porta.

— Amanhã — digo, segurando a bola oito. — Vou te buscar para o jantar de aniversário do Jamal, lembra?

Os caras do meu time amam a Bree, chamam ela de irmãzinha dos Sharks. Eu me recuso a chamá-la assim.

Ela tropeça num sapato e se equilibra com a mão na parede, o rabo de cavalo comprido e castanho-mel batendo no rosto.

— Amanhã? Ah, é, tinha esquecido. Fechou!

Ela está muito esquisita. Ou... mais esquisita do que de costume, devo dizer.

— Beleza... Até amanhã, então — diz.

Eu sorrio quando a bolsa dela fica presa na maçaneta e a puxa para trás. Ela solta um gritinho, se desvencilha da porta e vai embora correndo.

Suspirando, olho para meu novo Breebelô.

— E aí, bola oito mágica, o que acha? Devo contar para minha melhor amiga que estou apaixonado por ela?

Viro a bola, e a mensagem diz: *Resposta imprecisa, pergunte outra vez.*

No dia seguinte, no treino, fica óbvio que o término de Bree ocupou todo o espaço disponível no meu cérebro. Não consigo me concentrar no que tenho que fazer. Erro vários passes. Jamal — o principal *running back* do time — não para de me chamar de mão furada, e o apelido está começando a pegar. Todo mundo acha hilário, porque nunca sou assim. O técnico fica preocupado, acha que estou gripado. Ele até chama um médico para conferir minha temperatura, e na frente de todo mundo. Eu me sinto idiota.

— Só estou preocupado — digo para Jamal depois do treino, porque ele não para de me encher perguntando por que eu estava jogando tão mal.

Ele solta uma gargalhada enquanto abotoa a camisa. Eu já estou vestido, sentado no banco no meio do vestiário, esperando para ir à sala de mídia para uma coletiva de imprensa sobre o próximo jogo.

— Tem alguma coisa a ver com você ter terminado o namoro?

Levanto a cabeça abruptamente.

— Como você sabe? Terminei com ela ontem de manhã.

O sorriso condescendente dele diz: “Você é um idiota.”

— Ela postou no Instagram ontem à noite, com o link para uma matéria num site de fofocas.

— Droga.

Eu devia ter percebido que não era uma boa ideia namorar a Kelsey. Ela até parecia legal no começo, modelo e tal, mas acabou se revelando uma mulher totalmente obcecada pela fama. E, na moral, nem me importo muito quando mulheres só querem ficar comigo por causa da atenção. Eu só namoro outras mulheres porque Bree sempre namora outros homens. Mas agora ela está solteira... e, já que não consigo encontrar uma mulher nem vagamente tão incrível quanto ela, acho que é hora de parar de procurar.

Além do mais, estou cansado de ver minhas ex serem grossas com a Bree. É como ver alguém tentar matar uma borboleta — cruel e deprimente. De repente, penso no lance da matéria e fico preocupado. Kelsey pode me xingar o dia todo, mas, se tiver mencionado o nome de Bree uma vez sequer, meus advogados vão se meter na história.

— Você leu? — Pergunto para Jamal, que está se arrumando no espelho.

Ele solta uma gargalhada rouca que me diz que não vou gostar da resposta.

— Ah, li, sim. Você vai odiar.

Endireito as costas.

— Menciona a Bree?

Jamal olha de relance para mim, repara na minha postura de quem está pronto para a briga e balança a cabeça.

— Não, mas você é um idiota, sabia? Olha só, está aí pronto para acabar com alguém por uma mulher que nunca sequer beijou. Sério, você precisa se ligar. Vai atrás da Bree logo ou deixa ela pra lá. Esse lance está começando a atrapalhar seu trabalho, e não é o momento para isso, porque... tem as eliminatórias, cara. ELIMINATÓRIAS.

Ele sacode os punhos numa tentativa desesperada de me fazer entender. Como se eu já não soubesse da importância das eliminatórias.

Ignoro Jamal.

— Mas só para deixar claro mesmo, a matéria nem menciona a Bree?

Ele olha para mim, inexpressivo.

— Não. Seu amorzinho está a salvo. Já você...

Ele ri tipo um amigo que vê uma meleca no seu nariz e não avisa que está lá.

Eu o ignoro de novo.

— Então não dou a mínima para a matéria.

Minha *imagem* nunca foi importante para mim. Só me importo com jogar bem.

— Além do mais — continuo —, a gente namorou por poucos meses. Duvido que ela consiga arranjar tanta roupa suja para lavar em público.

Ainda mais porque sou um tédio. Não curto noitada. Não bebo durante o campeonato. Durmo cedo e acordo cedo.

Jamal parece prestes a explodir de satisfação. Está com um sorriso enviesado e com as sobrancelhas erguidas, e agora talvez eu esteja um pouquinho nervoso por causa do que Kelsey disse. Ele me dá um tapinha nas costas ao sair do vestiário.

— Me procura quando estiver pronto para ler, tá? Não quero deixar de ver sua cara na hora.

Assim que ele vai embora, outro cara do time atravessa o vestiário, indo para o chuveiro, e ri do que vê no celular.

— E aí, Price, o que tá pegando? — pergunto, acenando com a cabeça, mesmo que ele nem esteja me olhando.

Ele gargalha alto ao passar por mim.

— Você é que não tá, pelo visto!

Não faço ideia do que ele quer dizer, mas algo me diz que não vou gostar de descobrir.

Bree Camden está totalmente apaixonada por seu amigo de longa data, a lenda do futebol americano Nathan Donelson. O único problema é que ela não pode revelar seus sentimentos, porque ele claramente a enxerga apenas como sua melhor amiga, sem nenhum potencial para algo mais. Mas tudo bem: a última coisa que Bree deseja é arruinar a relação dos dois.

De qualquer forma, ela tem outras preocupações em mente. Após um acidente que acabou com suas chances de virar bailarina profissional, Bree decide mudar de plano e abre um estúdio, determinada a transformar a vida de suas alunas por meio da dança. No entanto, após outro aumento no aluguel do imóvel, ela corre sério risco de ver novamente seus sonhos irem por água abaixo.

É então que Nathan aparece para salvar o dia — e compra o prédio inteiro para ela. Revoltada com esse gesto impulsivo, apesar de bem-intencionado, Bree exagera nas tequilas. É aí que tudo começa a desandar: ela acaba confessando seus segredos mais profundos para uma jornalista de um site de fofoca. Então, um vídeo seu viraliza, e o mundo inteiro começa a achar que Nathan e Bree são o casal perfeito.

Antes que ela pare para pensar em tudo que revelou por culpa do álcool, a assessoria de imprensa de Nathan oferece à bailarina uma baita oportunidade, que pode significar a tão sonhada segurança financeira para Bree. O plano? Eles precisam fingir que estão apaixonados. Por três semanas inteiras.

Em *Táticas do amor*, a maravilhosa comédia romântica de Sarah Adams que foi sensação no TikTok, a paixão e a amizade são capazes de provocar as maiores reviravoltas. A questão é: será que é cedo — ou tarde — demais para abrir o coração?

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1234/>